

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de Letras

MOTIVAÇÃO NA CRIAÇÃO DE SINAIS DE CIDADES HISTÓRICAS DE MINAS
GERAIS

Gabriella da Rocha Moreira
Orientadora: Prof. Dra. Andreia Chagas Rocha Toffolo

Mariana, Minas Gerais
Setembro/2025

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de Letras

GABRIELLA DA ROCHA MOREIRA

MOTIVAÇÃO NA CRIAÇÃO DE SINAIS DE CIDADES HISTÓRICAS DE MINAS
GERAIS

Relatório Final, referente ao período de 09/2024 a 09/2025, apresentado à Universidade Federal de Ouro Preto, como parte das exigências do programa de iniciação científica EDITAL PIVIC-2S/UFOP Nº 11/2023.

Orientadora: Prof. Dra. Andreia Chagas Rocha Toffolo.

Mariana, Minas Gerais
Setembro/2025

RESUMO

A presente pesquisa investiga os processos motivacionais fundamentais à criação de sinais na Língua Brasileira de Sinais (Libras) para seis cidades históricas de Minas Gerais: Congonhas, Diamantina, Mariana, Ouro Preto, São João del-Rei e Tiradentes. Com base no referencial teórico da toponímia motivacional, proposto por Dick (1990) e ampliado por Francisquini (1998) e Carvalho (2010), o estudo adota uma abordagem qualitativa, descritiva e interpretativa para analisar a relação entre os sinais e o patrimônio cultural, histórico e geográfico dessas localidades. A coleta de dados foi realizada por meio de interações com surdos e intérpretes proficientes em Libras, buscando compreender as origens e significados dos sinais. A análise demonstra que a motivação toponímica em Libras é predominantemente icônica e cultural, manifestando-se através de categorias como ergotopônimos (elementos da cultura material), historiotopônimos (eventos e figuras históricas) e axiotopônimos (títulos e honrarias). Os resultados evidenciam que a formação dos sinais articula-se diretamente com a identidade visual e simbólica de cada cidade, reforçando a Libras como uma língua viva, dinâmica e profundamente enraizada na experiência sociocultural da comunidade surda. O estudo contribui para o reconhecimento e a valorização da toponímia em línguas de sinais como campo de investigação linguística e cultural.

Palavras-chave: Libras; toponímia; motivação; cidades históricas; Minas Gerais.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. ESTRUTURA LINGUÍSTICA DA LIBRAS.....	8
3. TOPONÍMIA: UMA ABORDAGEM INICIAL.....	10
4. A EXPRESSÃO TOPONÍMICA E SEUS ASPECTOS NA LIBRAS.....	18
5. METODOLOGIA.....	20
6. ANÁLISE DO CORPUS.....	21
6.1 Congonhas.....	21
6.2 Diamantina.....	23
6.3 Mariana.....	26
6.4 Ouro Preto.....	29
6.5 São João Del Rei.....	33
6.6 Tiradentes.....	35
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICE A - IMAGENS REFERENTES AOS SINAIS APRESENTADOS NO QUADRO 1: TOPÔNIMOS DE NATUREZA FÍSICA	39
APÊNDICE B - IMAGENS REFERENTES AOS SINAIS APRESENTADOS NO QUADRO 2: TOPÔNIMOS DE NATUREZA ANTROPOCULTURAL	43
APÊNDICE C - IMAGENS REFERENTES AOS SINAIS APRESENTADOS NO QUADRO 3: TOPÔNIMOS ADICIONAIS DE OUTROS AUTORES	49

1. INTRODUÇÃO

A população surda do Brasil é composta por indivíduos que possuem diferentes níveis de perda auditiva e formas variadas de comunicação. De acordo com o IBGE (2010) mais de 9,7 milhões de pessoas declararam ter alguma deficiência auditiva, sendo que cerca de 2,2 milhões apresentavam deficiência severa (grande dificuldade ou surdez total).

Desde a antiguidade, as pessoas surdas já se esforçavam em busca de meios de comunicação para estabelecer relações interpessoais, tanto entre si quanto com os demais membros da sociedade. Esse processo originou o uso de gestos informais, que não possuíam uma denominação definitiva, e que por muito tempo foram considerados variações da língua oral majoritária, tidos como sem nenhuma consistência linguística (Lacerda; Santos; Martins, 2019).

Willian Stokoe foi pioneiro no estudo da língua de sinais nos anos 60. O linguista americano estudou a Língua de Sinais Americana (ASL) e, deparou-se com arranjos que se aproximavam das línguas orais. Para ele, as línguas de sinais não se resumiam em gestos ou em uma versão sintetizada da linguagem falada. De maneira oposta, relatou que a ASL também apresentava regras gramaticais complexas, como as línguas faladas. Considerou assim, a configuração de mão (a forma), o local de articulação (onde o sinal é feito) e o movimento (como o sinal é feito), como os principais componentes que formam um sinal. A partir desses registros, abriram-se caminhos para o reconhecimento oficial de outras línguas de sinais.

A língua de sinais é considerada a língua natural dos surdos, pois a criança surda é capaz de adquiri-la de forma espontânea, desde que inserida em um ambiente visualmente acessível. Por ser uma língua de modalidade visuo-espacial, sua percepção e produção ocorrem de maneira natural para o surdo, sem a necessidade de treinamentos formais. Essa aquisição contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo, linguístico, social e cultural, consolidando-se como elemento central na formação da identidade surda (Dizeu; Coparali, 2005).

No Brasil, o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais como meio de comunicação e expressão demorou a ser consolidado. Somente com a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, é que a Libras foi legalmente declarada como língua verídica no país, tornando-se um marco extremamente recente. No entanto, muito antes desse reconhecimento jurídico, a Libras já possuía status de língua, com estrutura gramatical própria, uso social consolidado e pleno funcionamento linguístico entre seus usuários. De acordo com Quadros (2007), a língua de sinais se apresenta tão complexa e expressiva quanto a língua oral, e é considerada pela linguística como um sistema linguístico legítimo.

Assim como nas línguas de modalidade oral-auditiva, na língua de sinais o léxico evolui ao longo do tempo, com a criação, adaptação ou queda em desuso de sinais. A criação desses novos sinais é motivada por parâmetros culturais, estabelecendo uma relação entre o espaço e o sujeito nomeado. Isto posto, os sinais podem ser formados com base em elementos visuais; a partir da abstração de conceitos ou ideias; e, por meio de empréstimos linguísticos, o que evidencia que a Libras é uma língua dinâmica e colaborativa, refletindo a diversidade e a riqueza da cultura surda brasileira.

A compreensão do processo de criação de sinais e sua motivação é importante para a descrição da língua, tanto em relação ao processo de formação morfológica do sinal, quanto em relação à língua-cultura (Souza;Barreiros, 2020). Assim como na língua portuguesa, os estudos toponímicos na Libras analisam e qualificam os sinais relacionados a cidades, ruas, montanhas, rios e outros elementos geográficos ou urbanos, contribuindo para o desenvolvimento e a formalização dessa língua em sua totalidade. Sob os estudos primórdios de Dick (1990,1992), a toponímia atingiu um reconhecimento mais vasto e inclusivo, debruçados principalmente na realidade brasileira, a pesquisadora propôs 27 taxionomias classificatórias para os topônimos, sendo 11 são de natureza física e 16 são de natureza antropocultural.

Buscando contribuir com alguns topônimos que não se encaixavam em nenhuma das categorias de Dick (1990), Francischini (1998) propôs as categorias de acronimotopônimos, que se referem a topônimos formado por siglas; e os grafematopônimos que são formados pelas letras do alfabeto (datilologia) na língua de sinais. Já os Igneotopônimos, foi proposto por Carvalho (2010) para designar topônimos que se referem ao fogo ou aos produtos resultantes de sua ação direta.

No presente artigo, buscamos conhecer, compreender e categorizar as motivações que estão por trás da criação de sinais em Libras de algumas cidades históricas do Estado de Minas Gerais, designando as localidades de Congonhas, Diamantina, Mariana, Ouro Preto, São João del-Rei e Tiradentes. As categorias foram baseadas nas propostas de Dick (1990), Francisquini (1998) e Carvalho (2010).

2. ESTRUTURA LINGUÍSTICA DA LIBRAS

A estrutura de uma língua, seja ela oral ou visual espacial como a língua de sinais, é constituída por áreas linguísticas, como a Fonologia, a Morfologia, a Sintaxe e o Léxico, que cumprem papéis essenciais na formação de um discurso. Embora essas áreas possuam algumas semelhanças coletivas, elas também apresentam diferenças importantes entre si. Dentro da linguística geral, a fonologia discorre sobre os sons da língua (em línguas orais); a morfologia trata da parte de formação das palavras; a sintaxe organiza as frases seguindo as classes de palavras; e, o léxico é o vocabulário, que inclui todas as palavras da língua.

Na Libras, a fonologia possui parâmetros visuais para os elementos fundamentais que compõem os sinais, estabelecendo possíveis combinações e variações entre as unidades (Lacerda; Santos; Martins, 2019). Ao analisar a Língua de sinais americana (ASL), o linguista William Stokoe traçou os três principais parâmetros que um sinal pode constituir na língua de sinais: a configuração de mão (CM), o ponto de articulação (PA) e o movimento (M). Com o passar dos anos, mais dois parâmetros foram determinados necessários para a composição dos sinais, a orientação de mão (OM) e a expressão não manual (ENM), conforme especificado na Figura 1.

Figura 1 - Imagem do sinal de “triste/tristeza” ilustrativa dos parâmetros da língua de sinais



A área da morfologia na língua brasileira de sinais possui um modelo de estrutura como na língua portuguesa, estudando esporadicamente as palavras sem analisar a frase como um todo dentro de um contexto. Assim como as palavras nas línguas orais, existem os sinais nas línguas de sinais, que pertencem a categorias lexicais como substantivos, adjetivos e verbos. Além disso, as unidades mínimas de um sinal, os morfemas, são combinados para criação de novos sinais (Quadros, 2007).

É na sintaxe que entendemos a relação das palavras entre si no interior dos enunciados, e a estrutura clássica da língua portuguesa é que a sentença seja composta por sujeito (S), verbo (V) e objeto (O). Estudos iniciais sobre a organização sintática dos sinais em Libras, conduzidos por Felipe (1989) e Ferreira-Brito (1995), já apontavam para a predominância da ordem sujeito-verbo-objeto (SVO) nas construções frasais. Subsequente, Quadros (1999) aprofundou essa análise e concluiu que essa organização não é apenas uma tendência recorrente, mas sim a estrutura sintática subjacente da Libras. As demais sequências possíveis na língua são entendidas como variações derivadas dessa base, por meio de mecanismos sintáticos específicos.

Desde então, a classificação da Libras como uma língua de ordem SVO tem sido confirmada por diversos pesquisadores, como na pesquisa de Royer (2019), que analisou dados do Corpus de Libras dos Surdos da Grande Florianópolis, apresentando novas evidências de que a ordem SVO permanece como a estrutura predominante em sentenças transitivas em que sujeito e objeto são explicitamente realizados.

Biderman (2001), citado por Sousa (2022), descreve que as três estruturas (fonologia, morfologia e sintaxe) são fechadas dentro de seus limites gramaticais; pois possuem um conjunto determinado de estruturas e regras que estabelecem a formação e o desenvolvimento das palavras e das sentenças dentro de uma língua. Por outro lado, o léxico de Libras, é formado por um sistema aberto que está em constante evolução, novos sinais podem ser criados, e variações regionais e culturais somam o repertório de sinais. Diante disso, é impossível descrever o léxico de Libras de maneira geral e totalizada, já que ele está sempre sujeito a alterações a partir de novas situações e contextos de comunicação dentro da comunidade surda. Isto significa que, enquanto a gramática produz dentro de um conjunto

minucioso de regras, o léxico considera todo o processo cultural e social dos falantes, adaptando suas constantes transformações ao longo do tempo.

3. TOPONÍMIA: UMA ABORDAGEM INICIAL

Os primeiros estudos toponímicos no Brasil, iniciaram-se a mais de 100 anos atrás, com o trabalho de Theodoro Sampaio em 1901 com a obra *O Tupi na Geografia Nacional*. Theodoro atuou como engenheiro, geógrafo e historiador, e em sua obra argumenta que uma porção relevante da toponímia brasileira, especialmente nomes de rios, montanhas, cidades e regiões, possui origem direta no tupi antigo, língua comumente falada por diversos grupos indígenas durante o período da chegada dos colonizadores portugueses.

Contudo, ao longo do século XX, outros pesquisadores também se dedicaram ao estudo dos nomes geográficos, atualizando e diversificando as abordagens sobre o tema. Entre eles, destacam-se as contribuições de Dick (1990), cujas pesquisas foram essenciais para o reconhecimento da toponímia como campo de estudo linguístico, consolidando-a como a principal referência dos estudos toponímicos no Brasil. Dick propõe que a toponímia vai além dos estudos tradicionais, envolvendo outras áreas do conhecimento e mostrando que se trata de um campo interdisciplinar.

A Toponímia, portanto, atualmente, com orientação e perspectivas novas, é uma disciplina que se volta para a História, a Geografia, a Linguística, a Antropologia, a Psicologia Social, e, até mesmo, à Zoologia, à Botânica, à Arqueologia, de acordo com a inclinação intelectual de seu pesquisador (Dick, 1987, p. 2)

Assim, os topônimos, representam os aspectos históricos, culturais e linguísticos específicos de uma determinada região. A toponímia, além de aprofundar-se nas origens e significados desses nomes, também acompanha as transformações que sofrem ao longo do tempo. Essas mudanças são influenciadas por inúmeras ocorrências, como a evolução das línguas faladas na região, eventos históricos marcantes, características geográficas do território e dinâmicas socioculturais.

Ainda considerando as pesquisas de Dick (1990), a análise dos topônimos pode ser realizada a partir de diferentes aspectos e características. Uma delas discorre sobre o respeito ao reconhecimento dos estratos linguísticos, que procura reconhecer as línguas de origem dos nomes geográficos com base nas unidades lexicais que indicam, como as raízes indígenas, africanas, portuguesas ou árabes. Outro fator observado é a análise semântica, que está relacionada aos fatores motivacionais existentes no processo de nomeação, como as razões culturais, simbólicas e ambientais que levaram à escolha daquele determinado nome para aquele espaço. Por fim, a estrutura morfológica dos topônimos também é objeto de estudo, organizando os nomes de acordo com sua composição (simples, composta ou híbrida), com o intuito de compreender os processos de formação dessas unidades linguísticas.

Segundo Dick (1990), apesar do topônimo ser um signo, como em qualquer outra da língua, seu uso vai além da simples função linguística. Ao ser usado para nomear um lugar, ele ganha uma função especial: aquilo que, na língua, poderia ser um nome arbitrário, passa a ser motivado, apresentando uma razão de ser, uma ligação com características do lugar, sua história ou sua cultura. Assim, o ato de dar um nome a um lugar (o “batismo”) transforma o topônimo em algo que reflete e representa o espaço nomeado.

A motivação apresenta um duplo aspecto que se manifesta em dois momentos distintos, ambos fundamentais para a compreensão e classificação dos nomes de lugares. Para Dick (1990,), o primeiro refere-se à intencionalidade, ou seja, à ação de quem nomeia o acidente geográfico, motivado por fatores subjetivos (como impressões pessoais ou afetivas) ou objetivos (como características físicas ou fatos históricos), que o conduzem, por meio de um processo seletivo, à escolha de um nome específico. O segundo momento diz respeito à origem semântica da denominação, cujo significado pode se revelar de forma transparente ou opaca, e que pode estar associado às mais diversas procedências — linguísticas, culturais, históricas ou ambientais. Essas duas dimensões da motivação, ao evidenciarem tanto o ato de nomear quanto o conteúdo semântico do nome, fundamentam as abordagens sincrônica e diacrônica da toponímia e influenciam diretamente na formalização das taxonomias toponímicas.

Dick (1990), classifica os topônimos conforme sua natureza, em duas categorias principais: física e antropocultural. Os de natureza física são motivados por aspectos descritivos do próprio espaço nomeado, como cor, dimensões e formas, ou por elementos naturais que compõem o ambiente físico, tais como fauna, flora, astros, corpos hídricos e formações geológicas. A seguir, no Quadro I apresentamos a classificação dos topônimos de natureza física. A título de ilustração, serão apresentados dados tanto da Língua Portuguesa quanto da Libras.

Quadro I - Classificação dos topônimos de natureza física com exemplos em Língua Portuguesa (LP) e Libras

Nº	Taxonomia	Definição	Exemplo LP	Exemplo Libras ¹
01 (A)	Astrotopônimos	Referem-se a corpos celestes ou elementos relacionados ao espaço, como estrelas, constelações, cometas, planetas, luas, asteroides e similares.	Estrela do Norte - São Paulo	Morada do Sol - bairro de Rio Branco (AC)
02 (B)	Cardinotopônimos	Fazem referência às coordenadas geográficas ou pontos cardeais utilizados para orientações geográficas em geral: norte, sul, leste, oeste, sudoeste, nordeste, noroeste, entre outros.	Santa Rosa do Sul - Santa Catarina	São Caetano do Sul - São Paulo
03 (C)	Cromotopônimos	Fazem referência às cores (preto, branco, verde, etc.), às impressões de faixas luminosas (claro, escuro) ou às escalas cromáticas em geral.	Ribeirão Preto - São Paulo	Rio Branco - Acre

¹ Os exemplos em Língua de Sinais encontram-se dispostos ao final deste artigo, devidamente identificados e referenciados conforme os parâmetros estabelecidos por Dick (1990), Francisquini (1998) e Carvalho (2010).

04 (D)	Dimensiotopônimos	Fazem referência às características dimensionais dos espaços nomeados, relativas ao tamanho, à altura, à largura, à grossura, ao comprimento, à profundidade, etc.	Campo Grande - Mato Grosso do Sul	Monte Alto - São Paulo
05 (E)	Fitotopônimos	Fazem referência aos elementos da vegetação terrestre, em suas diferentes espécies, sejam formações espontâneas (ou não), em porções delimitadas no espaço (ou não), que constituam componentes da flora.	Pinhais - Paraná	Florestal - Minas Gerais
06 (F)	Geomorfotopônimos	Fazem referência às formas topográficas em geral, como planaltos, depressões, planícies, montanhas, cordilheiras, entre outras.	Várzea Grande - Mato Grosso	Brumadinho - Minas Gerais
07 (G)	Hidrotopônimos	Fazem referência às formações hidrográficas, ou seja, aos cursos d'água, em geral, que constituem a paisagem hídrica: nascentes, rios, igarapés, afluentes, foz, lagos, cachoeiras, entre outros.	Cachoeira do Campo - Minas Gerais	Iporanga - São Paulo
08 (H)	Litotopônimos	Fazem referências aos elementos constitutivos dos solos – rochas e minerais – de índole mineral, à várias constituições dos terrenos (areia, barro,	Pedra Dourada - Minas Gerais	Pedreira - São Paulo

		lama, pedra, etc.)		
09 (I)	Meterotopônimos	Fazem referência aos diferentes fenômenos meteorológicos, ou seja, eventos que acontecem na atmosfera que estão associados ao clima e ao tempo, como as estações do ano, a aurora boreal e a aurora austral, o arco-íris, neves e geadas, ventos e tempestades, etc.	Primavera do Leste - Mato Grosso	Campos do Jordão - São Paulo
10 (J)	Morfotopônimos	Fazem referência às diferentes formas geográficas planas – como triângulo, retângulo, quadrado, círculo, etc. – ou não planas – como o cone, o cilindro, a esfera, o paralelepípedo, etc.	Triângulo Mineiro - Minas Gerais	Brasília - Distrito Federal
11 (K)	Zootopônimos	Fazem referência à fauna, incluindo espécies domesticadas ou selvagens, agrupadas em espécies iguais ou individuais, terrestres e aquáticos, mamíferos e aves, entre outros.	Formiga - Minas Gerais	Patos de Minas - Minas Gerais

Fonte: elaborado pela autora.

Os topônimos de natureza antropocultural têm como motivadores aspectos relacionados ao ser humano, abrangendo sentimentos e nomeações populares, elementos materiais e imateriais da cultura, referências históricas (como datas e personagens), manifestações de espiritualidade (incluindo religiosidade, dogmas, locais sagrados e fé), bem como organizações sociais e profissionais vinculadas ao espaço nomeado, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 - Classificação dos topônimos de natureza antropocultural com exemplos em Língua Portuguesa (LP) e Libras

Nº	Taxonomia	Definição	Exemplo LP	² Exemplo Libras
12 (A)	Animotopônimos	Fazem referência aos diferentes elementos do psiquismo humano (sentimentos, sensações, comportamentos, etc.) ou da cultura espiritual.	Boa Esperança - Minas Gerais	Bonito - Mato Grosso do Sul
13 (B)	Antropotopônimos	Fazem referência aos nomes próprios de pessoas (nome, sobrenome, apelidos, etc.).	Mariana - Minas Gerais	Parque Chico Mendes - parque florestal em Rio Branco (AC)
14 (C)	Axiotopônimos	Fazem referência aos títulos (acadêmicos, militares, religiosos, políticos, etc.) e dignidades (distinção ou honraria jurídica ou acadêmica) concedidos a pessoas e que acompanham seus respectivos nomes próprios.	Governador Valadares - Minas Gerais	São João Del-Rei - Minas Gerais
15 (D)	Corotopônimos	Fazem referência aos nomes de cidades, estados, regiões, países e continentes.	Nova Friburgo - Rio de Janeiro	Americana - São Paulo
16 (E)	Cronotopônimos	Fazem referência aos indicadores cronológicos, representados pelos adjetivos novo(a)/velho(a).	Nova Lima - Minas Gerais	Mundo Novo - Mato Grosso do Sul
17 (F)	Ecotopônimos	Fazem referência aos diferentes tipos de habitação, morada, vivenda.	Vila Velha - Espírito Santo	Morada das Árvores - bairro de Feira de Santana
18	Ergotopônimos	Fazem referência aos	Canoa	Amazonas -

² Os exemplos em Língua de Sinais encontram-se dispostos ao final deste artigo, devidamente identificados e referenciados conforme os parâmetros estabelecidos por Dick (1990), Francisquini (1998) e Carvalho (2010).

(G)		diferentes elementos da cultura material de um povo.	Quebrada - Ceará	Estado do Amazonas
19 (H)	Etnotopônimos	Fazem referência aos elementos étnicos, isolados ou não, como agrupamentos indígenas, africanos, ciganos, que compartilham tradições, culturas e história.	Tupi Paulista - São Paulo	Tocantínea - Tocantins
20 (I)	Dirrematopônimos	Se formam por enunciados linguísticos completos, inclusive com verbos.	Não-Me-Toque - Rio Grande do Sul	Artur Cordeiro - rua de Feira de Santana (BA) - a rua é conhecida pela quantidade de lojas especializadas na venda de celulares.
21 (J)	Hierotopônimos	Fazem referência aos nomes sagrados das diferentes crenças, dogmas, ambientes de reuniões religiosas, etc.	Exu - Pernambuco	Juazeiro do Norte - Ceará - faz referência ao Padre Cícero, considerado santo pelos romeiros e o povo nordestino.
21.1 (K)	Hagiotopônimos	Se relaciona com os santos e as santas da igreja católica.	Aparecida - São Paulo	Espírito Santo
22 (L)	Historiotopônimos	Fazem referência aos eventos socio-históricos, às datas e aos personagens relacionados a eles.	Presidente Prudente - São Paulo	Tiradentes - Minas Gerais
23 (M)	Hodotopônimos	Fazem referência às diferentes vias de comunicação rural ou urbana, como pontes, viadutos, passarelas, etc.	Ponte Nova - Minas Gerais	Ponte Nova - Minas Gerais

24 (N)	Numerotopônimos	Fazem referência aos adjetivos numerais, cardinais, ordinais, numerais romanos, etc	Três Corações - Minas Gerais	Sete Lagoas - Minas Gerais
25 (O)	Poliotopônimos	Fazem referência aos agrupamentos humanos, e que são constituídos pelos vocábulos: vila, aldeia, povoação, arraial, etc.	Arraial do Cabo - Rio de Janeiro	Transacoreana - localidade na região metropolitana de Rio Branco - faz referência à vila existente no espaço.
26 (P)	Sociotopônimos	Fazem referência às diferentes atividades e ocupações profissionais, e ainda aos locais de trabalho, de encontros e de lazer de uma comunidade.	Feira de Santana - Bahia	Barretos - São Paulo
27 (Q)	Somatopônimos	Fazem referência às partes do corpo (humano e/ou animal), em sentido metafórico.	Coração de Jesus - Minas Gerais	Bocaina - São Paulo

Fonte: Fonte: elaborado pela autora

Além das taxionomias propostas por Dick (1990, 1992), Francisquini (1998) e Carvalho (2010), também ofereceram contribuições a esses estudos, buscando ampliar o escopo analítico da toponímia, conforme demonstrado no Quadro 3.

Quadro 3 - Classificação dos topônimos adicionais de outros autores com exemplos em Língua Portuguesa (LP) e Libras

Nº	Taxonomia	Definição	Exemplo LP	³Exemplo Libras
28 (A)	Acronimotopônimos	Segundo Francisquini (1998), são topônimos formados por siglas.	Cohab Minas - Companhia de Habitação do Estado de Minas Gerais	Conselheiro Lafaiete - Minas Gerais

³ Os exemplos em Língua de Sinais encontram-se dispostos ao final deste artigo, devidamente identificados e referenciados conforme os parâmetros estabelecidos por Dick (1990), Francisquini (1998) e Carvalho (2010).

29 (B)	Grafematopônimos	Segundo Francisquini (1998), são topônimos formados pelas letras do alfabeto (datilologia).	Rua A, bairro Gagé, em Conselheiro Lafaiete - Minas Gerais	Cuba
30 (C)	Igneotopônimos	Segundo Carvalho (2010), são topônimos que se referem ao fogo ou aos produtos resultantes de sua ação direta.	Ilha do Fogo - Pernambuco	Queimadinha - bairro de Feira de Santana

Fonte: Elaborado pela autora.

4. A EXPRESSÃO TOPONÍMICA E SEUS ASPECTOS NA LIBRAS

Os estudos toponímicos na Língua Brasileira de Sinais ainda são recentes, especialmente quando comparados às pesquisas no contexto das línguas orais, como no português. Essa área de pesquisa vem ganhando destaque à medida que cresce o reconhecimento da Libras como uma língua plena, com estrutura complexa e funcionamento próprio. A compreensão dos mecanismos que regem a nomeação de lugares em Libras não apenas amplia o campo da toponímia, como também contribui para o fortalecimento da identidade linguística e cultural da comunidade surda.

Conforme discutido anteriormente, para que a comunicação aconteça de maneira eficaz, é de extrema importância que a língua possua um sistema linguístico coerente e que funcione de forma prática. No contexto da análise da toponímia em línguas de sinais, é fundamental compreender cada componente da estrutura, pois essa compreensão determina o que será efetivamente investigado. Segundo Souza (2022), na Libras, o sinal constitui uma unidade linguística cuja formação está diretamente associada a fatores motivacionais. Esses fatores se manifestam por meio de marcas presentes no próprio sinal e influenciam tanto sua seleção quanto sua criação, especialmente quando se trata da nomeação e individualização de locais geográficos.

Além disso, Dick (1990) reforça que os topônimos não são apenas etiquetas designativas, mas constituem construções linguísticas e culturais carregadas de

significados históricos, afetivos e sociais. Nesse sentido, é essencial considerar que a toponímia em Libras também carrega essas dimensões, ainda que se manifeste por meio de componentes visuais-espaciais, como os próprios parâmetros já mencionados. Assim como nas línguas orais, os sinais toponímicos em Libras podem nascer de motivações diversas, como aspectos físicos do lugar, elementos culturais, fatos históricos ou mesmo experiências subjetivas dos membros da comunidade surda.

Souza (2022) também salienta que a produção de sinais toponímicos em Libras envolve uma articulação entre o espaço linguístico e o espaço geográfico. Isso significa que os sinais não apenas representam lugares, mas os localizam e os contextualizam dentro de um universo visual e compartilhado. Tal perspectiva ecoa a proposta de Dick (1990), ao entender a toponímia como um campo de mediação entre linguagem, território e identidade.

Assim, torna-se evidente que a toponímia em Libras representa um campo de estudo profundamente significativo, tanto para os estudos linguísticos quanto para as investigações culturais e sociais. Ao analisar os modos como a comunidade surda nomeia, representa e se relaciona com determinado espaço geográfico, essa vertente da toponímia possibilita uma compreensão mais ampla dos processos de construção de sentido em uma língua visual-espacial. Além disso, a análise dos sinais toponímicos contribui para a valorização da Libras como instrumento legítimo de produção de conhecimento e expressão identitária. Reconhecer a especificidade dessas práticas linguísticas é um passo essencial para a consolidação de políticas linguísticas inclusivas, bem como para o fortalecimento da diversidade teórica e metodológica nos estudos sobre a linguagem.

5. METODOLOGIA

A presente investigação adotou uma abordagem de natureza qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, com o objetivo de analisar os processos motivacionais envolvidos na criação de sinais em Língua Brasileira de Sinais (Libras) referentes a cidades históricas do estado de Minas Gerais. A delimitação do corpus contempla os sinais atribuídos às cidades de Ouro Preto, Mariana, São João del-Rei, Congonhas, Diamantina e Tiradentes. A seleção dessas localidades foi pautada não apenas por sua reconhecida importância histórica e cultural, mas

também por um interesse específico da pesquisadora em aprofundar-se no conhecimento sobre a configuração linguística e identitária dessas regiões no âmbito da Libras.

A coleta dos dados foi realizada por meio de interações com participantes proficientes em Libras, priorizando, sempre que possível, o contato direto com pessoas surdas residentes nas cidades investigadas. Em um segundo momento, buscou-se recorrer a associações ou instituições ligadas à comunidade surda; na ausência de retorno, consideraram-se intérpretes atuantes nos respectivos municípios e, posteriormente, informações obtidas pelas redes sociais. Como último recurso, foram incluídos relatos de pessoas surdas que, embora não morassem no local, afirmaram conhecer a motivação toponímica a partir de trocas com outros surdos. Além disso, houve tentativas de comunicação com instituições públicas e privadas, por e-mail, Instagram e WhatsApp, que em sua maioria não responderam às mensagens.

Ressalta-se que a investigação se fundamenta teoricamente nos estudos da toponímia motivacional, cujas categorias analíticas serão delineadas com base nas contribuições de Dick (1990), Francisquini (1998) e Carvalho (2010), autores que sistematizam os diversos tipos de motivações presentes nos processos de nomeação toponímica, tais como aspectos iconográficos, culturais, históricos, geográficos e linguísticos.

6. ANÁLISE DO CORPUS

Após coleta dos dados, iniciou-se a análise dos sinais atribuídos às cidades históricas de Congonhas, Diamantina, Mariana, Ouro Preto, São João del-Rei e Tiradentes. O objetivo desta etapa foi identificar e interpretar os fatores motivacionais envolvidos na criação desses sinais de acordo com Dick (1990), Francisquini (1998) e Carvalho (2010), considerando tanto seus aspectos formais quanto os contextos históricos, culturais e geográficos que os influenciam. As respostas fornecidas pelos entrevistados possuem caráter interpretativo, o que significa que cada sinal pode assumir diferentes significados, mesmo quando referido por distintos participantes ou em contextos semelhantes. Na próxima seção apresentamos a análise de cada sinal das cidades.

6.1 Congonhas

Situada na parte central de Minas Gerais, Congonhas destaca-se por seu expressivo valor histórico, artístico e religioso. Constituída no século XVIII, no contexto do ciclo do ouro, a cidade consolidou-se como um importante destino de peregrinação. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o município abriga um dos acervos mais relevantes da arte civil e religiosa de Minas Gerais, reunindo exemplares que retratam tanto o barroco mineiro quanto manifestações ecléticas dos séculos XIX e XX.

O elemento mais emblemático desse patrimônio é o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, tombado pelo Iphan em 1939 e considerado o maior conjunto de arte colonial do país. Iniciado em 1757 e erguido em diferentes etapas, o santuário foi reconhecido pela UNESCO, em 1985, como Patrimônio Mundial. Obra-prima de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, reúne as célebres esculturas dos 12 Profetas e transformou Congonhas em um centro de fé e devoção desde o período colonial, atraindo peregrinos e guardando uma vasta coleção de ex-votos na Sala dos Milagres.

Para compreender a motivação do sinal referente à cidade de Congonhas, contou-se com a colaboração de um indivíduo surdo residente no município. O sinal é composto e realizado com ambas as mãos na configuração de “S”, executando movimentos opostos que simulam a abertura de um pergaminho (figura 1).

Figura 1 - Sinal da cidade de Congonhas



Fonte: Produzida pela autora

A motivação desse sinal está diretamente relacionada ao conjunto escultórico *Os Doze Profetas*, realizado em pedra-sabão por Antônio Francisco Lisboa, conhecido como Aleijadinho, e exposto no Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Na figura 2, temos o profeta Isaías para simbolizar os profetas. O sinal representa de forma icônica os pergaminhos que os profetas seguram, conectando-se ao patrimônio cultural e histórico da cidade. Dessa maneira, o sinal pode ser classificado como um ergotopônimo⁴, conforme a tipologia proposta por Dick (1990).

Figura 2 - Profeta Isaías na Igreja Bom Jesus de Matosinhos, Em Congonhas, MG



Fonte: Cultura Genial [s.d.]

6.2 Diamantina

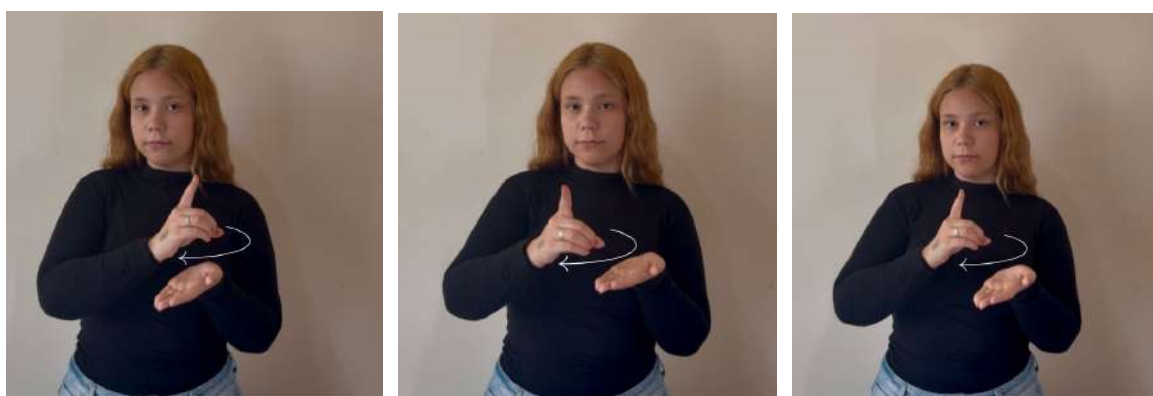
De acordo com o IPHAN, a cidade de Diamantina (MG) teve sua formação iniciada com a descoberta de ouro no vale do córrego do Tijuco, pela bandeira liderada por Jerônimo Gouveia, em 1691. O povoamento efetivo começou em 1713,

⁴ Ergotopônimo: topônimo que faz referência aos diferentes elementos da cultura material de um povo.

mas o desenvolvimento só se consolidou após a descoberta de diamantes em 1720, o que atraiu grande fluxo de pessoas e riqueza à região. Entre 1731 e 1738, Portugal instaurou o regime de contratos para controlar a mineração, gerando conflitos locais e uma administração especial que influenciou o crescimento urbano da cidade. No fim do século XIX, locais como a Serra dos Cristais passaram a ser importantes pontos de lazer e turismo, valorizando a arquitetura e cultura locais. Diamantina tornou-se conhecida mundialmente pela exploração de diamantes, gerando uma aristocracia rica e um patrimônio arquitetônico significativo. A cidade é também berço do presidente Juscelino Kubitschek. Suas tradições culturais incluem festivais religiosos, tapeçaria típica (tapetes arraiolos) e mestres em ourivesaria e lapidação, refletindo sua ligação histórica com as pedras preciosas. Até hoje, a mineração permanece como base econômica da região.

Para a análise do sinal correspondente à cidade de Diamantina, contou-se com a colaboração de um professor surdo de Libras, vinculado a uma universidade federal, que auxiliou a pesquisa entrando em contato com um morador surdo residente na cidade, bem como de uma intérprete atuante no município, que forneceu informações acerca da origem do sinal. O sinal em Libras utilizado para Diamantina é do tipo composto. A mão de apoio permanece aberta, com a palma voltada para cima, servindo como base. Sobre essa mão, a mão dominante adota a configuração de “D” referente à inicial da cidade (figura 3).

Figura 3 - Sinal da cidade de Diamantina



Fonte: Produzida pela autora

O sinal também pode ser realizado com os dedos abertos, simulando a ação de segurar um diamante (figura 4) e, em seguida, executando um movimento

semelhante ao de peneirar. Esse segundo sinal foi igualmente relatado pelo participante, constituindo uma variação linguística em relação ao primeiro registro. Essa variação, embora mantenha a mesma motivação imagética ligada à extração do diamante, apresenta diferenças formais no modo de articulação, o que evidencia como um mesmo referente pode ser representado por mais de uma configuração no repertório sinalizado.

Figura 4 - Sinal da cidade de Diamantina



Fonte: Produzida pela autora

Tal movimento remete ao gesto tradicionalmente utilizado para selecionar diamantes entre outros materiais (figura 5). A motivação do sinal é claramente icônica, estabelecendo uma relação visual direta entre o gesto e o objeto representado. Dessa forma, o sinal não apenas evidencia a forma como os diamantes eram selecionados, como também remete ao contexto histórico relacionado à atividade diamantífera na região. Considerando tais aspectos, este sinal é classificado como um ergotopônimo⁵, uma vez que sua motivação está diretamente relacionada à cultura material e à atividade econômica que estruturou a formação da cidade.

⁵ Ergotopônimo: topônimo que faz referência aos diferentes elementos da cultura material de um povo.

Figura 5 - O garimpeiro Nelson de Jesus às margens do Rio Jequitinhonha Garimpo



Fonte: Carta Capital [s.d.]

6.3 Mariana

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a fundação de Mariana (MG) teve sua fundação em 1696, quando a bandeira liderada pelo coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça estabeleceu-se às margens de um ribeirão, dando origem ao arraial chamado Ribeirão do Carmo, em homenagem à Nossa Senhora do Carmo. No local, descobriram ouro e iniciaram um povoado que se tornaria um dos principais fornecedores do minério para Portugal. O crescimento do arraial foi rápido, atraindo pessoas de diversas regiões do Brasil e de Portugal, e em 1711 foi elevado à categoria de vila. Mariana destacou-se durante o período colonial como a primeira vila, única cidade e principal capital de Minas Gerais. Em 1743, a expansão urbana foi planejada pelo arquiteto português José Fernandes Pinto Alpoim, e em 1745 o arraial recebeu status de cidade, adotando o nome Mariana, em homenagem à rainha Maria Ana de Áustria. Ainda nesse ano, foi criado o Bispado, que posteriormente se tornou Arcebispado, e Mariana passou a ser conhecida como a “cidade dos bispos”.

No século XVIII, o crescimento das ordens religiosas favoreceu a construção de importantes templos, como as igrejas das irmandades de São Francisco de Assis

e do Carmo, próximas à Praça João Pinheiro, além das igrejas de Nossa Senhora das Mercês e do Rosário, ligadas às irmandades dos pretos. Além disso, Mariana integra o conjunto de cidades históricas de Minas Gerais tombadas pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), sendo reconhecida como patrimônio cultural nacional por preservar seu centro colonial com igrejas, edifícios e ruas que remontam ao período colonial e imperial.

Em Mariana, constatou-se a ausência de uma entidade formal, como uma Associação de surdos, o que exigiu ampliar as estratégias de busca. Nesse contexto, foram identificados dois sinais conhecidos em Libras, registrados a partir do relato de uma pessoa Coda (Children of Deaf Adults), filha ouvinte de pais surdos e professora de Libras da região, com grande contato com a comunidade surda, que os descreveu com base em explicações fornecidas por um surdo no período de sua criação.

O primeiro, de caráter mais antigo, é realizado com a mão não dominante servindo de apoio, com a palma voltada para dentro, enquanto a mão dominante assume a configuração em “M”, executando movimentos circulares, imitando o movimento da roda de um trem (figura 6).

Figura 6 - Sinal da cidade de Mariana



Fonte: Produzida pela autora

Mariana contava com um trem turístico, o Trem da Vale (figura 7), que operava entre as cidades históricas de Mariana e Ouro Preto, oferecendo uma

viagem turística entre os dois municípios. Dessa forma, o sinal pode ser classificado como ergotopônimo⁶, já que se inspira em um elemento da cultura material local.

Figura 7 - Trem da Vale, de Ouro Preto e Mariana



Fonte: Prefeitura de Ouro Preto [s.d.]

O segundo sinal, considerado mais recente, é realizado com a mão dominante em configuração “M”, que executa movimentos de batimento em ambos os lados do corpo, próximo à altura do peito (figura 8).

Figura 8 - Sinal da cidade de Mariana



Fonte: Produzida pela autora

A configuração em “M” faz referência direta à inicial do nome da cidade, estabelecendo uma marca de iconicidade alfabética. Já o movimento duplo próximo

⁶ Ergotopônimo: topônimo que faz referência aos diferentes elementos da cultura material de um povo.

ao peito está associado a um dos principais cartões postais da cidade: as duas igrejas (Igreja de São Francisco de Assis e a Igreja de Nossa Senhora do Carmo) situadas lado a lado na Praça Minas Gerais (figura 9). Assim, o sinal articula-se diretamente a um elemento cultural-patrimonial (o par de igrejas coloniais), sendo então classificado como um ergotopônimo⁷.

Figura 9 - Praça Minas Gerais, na cidade de Mariana



Fonte: Produzido pela autora (2024)

6.4 Ouro Preto

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Ouro Preto, fundada em 1698 por bandeirantes paulistas, teve origem na descoberta do ouro aluvião por Antônio Dias de Oliveira e padre João de Faria Fialho, resultando na formação de diversos arraiais mineradores que se uniram ao longo do século XVIII. Tornada sede da Capitania das Minas Gerais em 1711, sob o nome de Vila Rica de Albuquerque, a cidade prosperou com a extração do ouro e o trabalho escravo, impulsionando a construção de monumentos de valor artístico inestimável, como a Igreja de São Francisco de Assis, obra-prima de Aleijadinho, e as pinturas

⁷ Ergotopônimo: topônimo que faz referência aos diferentes elementos da cultura material de um povo.

de Manoel da Costa Athaíde. Ouro Preto foi palco da Inconfidência Mineira (1789) e recebeu de D. Pedro I, em 1823, o título de Imperial Cidade.

Em 1938, foi uma das primeiras cidades tombadas pelo Iphan, e, em 1980, tornou-se a primeira cidade brasileira reconhecida pela Unesco como Patrimônio Mundial, por representar um sítio urbano completo e pouco alterado desde o período colonial. A preservação de igrejas, casarões, ladeiras e elementos originais mantém legível a paisagem formada nos séculos XVIII e XIX, garantindo que Ouro Preto siga sendo referência nacional e internacional pelo seu valor histórico, arquitetônico e artístico.

Para a compreensão dos significados atribuídos aos sinais de Ouro Preto, estabeleceu-se contato com intérpretes, com um indivíduo surdo da região e também foi utilizado como referência um vídeo publicado por um intérprete em uma rede social. A cidade apresenta dois sinais reconhecidos na Língua Brasileira de Sinais, cada qual com motivações históricas e culturais distintas. O primeiro, de caráter mais antigo, é composto por dois elementos: inicialmente, o sinal de ouro, realizado ao encostar o dedo médio no dente e girá-lo, e em seguida, um movimento semelhante a uma “chavinha” na testa, do lado dominante, que pode remeter tanto à cor preta quanto à raça negra (figura 10).

Figura 10 - Sinal da cidade de Ouro Preto.



Fonte: Produzida pela autora

Esse sinal admite três principais interpretações. A primeira é de natureza literal, diretamente vinculada ao nome da cidade, combinando os elementos “ouro” e

“preto”, que pode ser classificado como litotopônimo⁸ e cromotopônimo⁹, já que une um elemento mineral (ouro) e um cromático (preto). A segunda interpretação relaciona-se a um aspecto histórico mais delicado: o movimento na testa evocaria a prática de pessoas escravizadas que escondiam pepitas de ouro nos cabelos, fazendo referência direta a um evento histórico e social ligado à escravidão, podendo ser considerado um historiotopônimo¹⁰. Por fim, a terceira leitura decorre do uso do sinal associado à cor de pele negra, em substituição ao sinal da cor preta propriamente dita, o que suscita debates sobre possíveis conotações racistas, uma vez que estabelece correspondência direta entre uma característica fenotípica e a denominação toponímica, que pode ser considerado um etnotopônimo¹¹.

O segundo sinal, considerado mais recente, é realizado com a mão de apoio em posição estática, funcionando como base, enquanto a mão dominante executa um movimento ondulado sobre ela (figura 11).

Figura 11 - Sinal da cidade de Ouro Preto



Fonte: Produzida pela autora

Há ainda uma variação muito semelhante desse sinal, diferenciada apenas pela movimentação da mão dominante, que, nesse caso, realiza um único movimento (figura 12).

⁸ Litotopônimo: faz referência aos elementos constitutivos dos solos - rochas e minerais - de índole mineral, à várias constituições dos terrenos (areia, barro, lama, pedra, etc.).

⁹ Cromotopônimo: Faz referência às cores (preto, branco, verde, etc.), às impressões de faixas luminosas (claro, escuro) ou às escalas cromáticas em geral.

¹⁰ Historiotopônimo: Faz referência aos eventos socio-históricos, às datas e aos personagens relacionados a eles.

¹¹ Etnotopônimo: Faz referência aos elementos étnicos, isolados ou não, como agrupamentos indígenas, africanos, ciganos, que compartilham tradições, culturas e história.

Figura 12 - Sinal da cidade de Ouro Preto



Fonte: Produzida pela autora

Ambos os sinais possuem inspiração direta na estética barroca, uma vez que o gesto remete ao traço curvilíneo e ornamental típico desse estilo, evocando especialmente os arabescos que lembram a forma da flor-de-lis, símbolo estilizado recorrentemente identificado em entalhes, altares e esculturas decorativas das igrejas históricas da cidade (figura 13). De acordo com os relatos, esse sinal foi explicado por um morador surdo de Ouro Preto, amigo do responsável por sua criação. Durante uma visita à cidade, ele questionou o sinal anterior, associado a uma conotação racista, e observou que em diversos pontos do município, como telhados de casas, janelas e igrejas, predominavam elementos da arte barroca, o que motivou a escolha da nova forma de representação. Assim, o sinal pode ser classificado como ergotopônimo¹², por estar relacionado à cultura material do povo, mas também apresenta características de morfotopônimo¹³, devido à inspiração nas formas ornamentais e curvilíneas típicas do estilo barroco.

¹² Ergotopônimo: topônimo que faz referência aos diferentes elementos da cultura material de um povo.

¹³ Morfotopônimo: Fazem referência às diferentes formas geográficas planas – como triângulo, retângulo, quadrado, círculo, etc. – ou não planas – como o cone, o cilindro, a esfera, o paralelepípedo, etc.

Figura 13 - Igreja Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto, MG



Fonte: Produzido pela autora (2024)

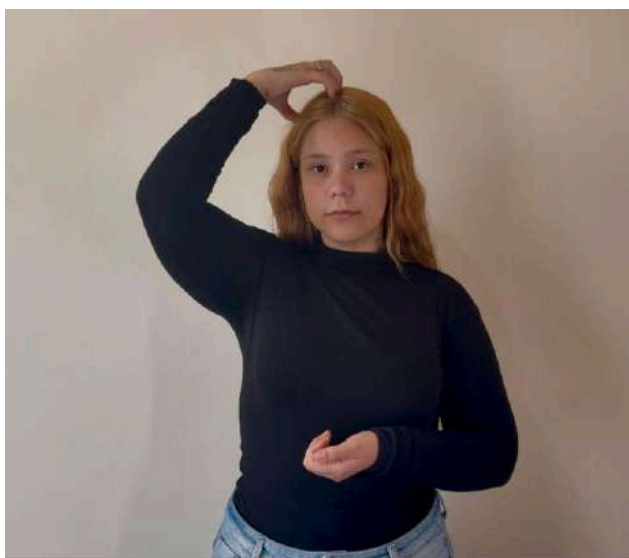
6.5 São João Del Rei

São João del-Rei também localizada em Minas Gerais, é reconhecida por sua riqueza arquitetônica, tradição religiosa e papel central no desenvolvimento da região durante o período colonial. Fundado no início do século XVIII, o conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade foi tombado pelo Iphan em 1938, com delimitação da área preservada em 1947. Esse núcleo histórico reúne igrejas, capelas, pontes e os Passos da Paixão, que refletem a importância cultural e religiosa da cidade. Formada a partir da mineração do ouro, São João del Rei manteve-se relevante mesmo após o declínio da atividade aurífera, destacando-se pelo comércio e por sua rica arquitetura barroca e rococó. Suas igrejas seguem os

padrões das matrizes mineiras, com fachadas em torres gêmeas e ornamentação típica dos séculos XVIII e XIX. Segundo o Iphan, a cidade é um dos principais centros históricos de Minas Gerais, preservando um valioso patrimônio que revela o modo de vida colonial mineiro. Em 2007, recebeu o título de Capital Brasileira da Cultura, reafirmando seu papel de destaque no cenário cultural nacional.

Para a análise do sinal referente à cidade de São João del-Rei, contou-se também com a colaboração do mesmo professor surdo de Libras, que contribuiu com a pesquisa por meio do contato com um morador surdo nascido e residente em Minas Gerais. O sinal é realizado com a mão dominante executando um gesto que remete à coroa de um rei sobre a cabeça, estabelecendo uma relação direta com a palavra “del-Rei” presente no nome da cidade e utilizando a mesma configuração de sinal aplicada à palavra “rei” em Libras (figura 14).

Figura 14 - Sinal da cidade de São João del-Rei



Fonte: Produzida pela autora

Esse gesto representa simbolicamente a figura da realeza e está associado à ideia de título honorífico, caracterizando, portanto, o sinal como um axiotopônimo¹⁴, conforme a classificação proposta por Dick (1990).

¹⁴ Axiotopônimo: topônimo que faz referência aos títulos (acadêmicos, militares, religiosos, políticos, etc.) e dignidades (distinção ou honraria jurídica ou acadêmica) concedidos a pessoas e que acompanham seus respectivos nomes próprios.

6.6 Tiradentes

O atual município de Tiradentes, em Minas Gerais, teve origem no início do século XVIII, quando garimpeiros paulistas descobriram ouro no sopé da Serra de São José. Em 1702, foi fundado o Arraial de Santo Antônio, que se expandiu com a mineração e, em 1718, tornou-se a vila de São José. Em 1889, passou a se chamar Tiradentes, em homenagem a Joaquim José da Silva Xavier, o herói que foi sacrificado após sua participação na Inconfidência Mineira, movimento que buscava a independência do Brasil em relação a Portugal. Segundo o Iphan, a cidade preserva um dos mais importantes conjuntos urbanos coloniais de Minas Gerais, com igrejas barrocas, sobrados e ruas de pedra que refletem a riqueza do ciclo do ouro.

Na investigação da motivação do sinal referente à cidade de Tiradentes, contou-se com a contribuição direta do professor surdo de Libras, que nos informou sobre o sinal em questão. O sinal é realizado com a mão dominante na configuração de “A”, executando um movimento que simula o ato de puxar pelo pescoço (figura 15).

Figura 15 - Sinal da cidade de Tiradentes



Fonte: Produzida pela autora

Esse gesto remete diretamente à forma como Joaquim José da Silva Xavier, conhecido como Tiradentes, foi executado por enforcamento, após sua condenação por envolvimento na Inconfidência Mineira.

O sinal utilizado para a cidade corresponde ao sinal que nomeia o personagem histórico em Libras, estabelecendo uma relação direta entre o topônimo e a figura homenageada. Nesse caso, a motivação do sinal transcende o simples nome próprio, estando intimamente vinculada à relevância histórica e simbólica de Tiradentes para a memória nacional. Dessa maneira, segundo a classificação proposta por Dick (1990), o sinal pode ser caracterizado como um *historiotopônimo*¹⁵.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou investigar os processos motivacionais subjacentes à criação dos sinais em Libras referentes a seis cidades históricas de Minas Gerais – Congonhas, Diamantina, Mariana, Ouro Preto, São João del-Rei e Tiradentes –, com base nas categorias toponímicas propostas por Dick (1990), Francisquini (1998) e Carvalho (2010).

A análise demonstrou, de forma contundente, que a motivação dos sinais analisados é predominantemente icônica, estando intrinsecamente ligada a elementos históricos, culturais, geográficos e identitários das localidades. Os sinais não são arbitrários, eles se constroem a partir de uma relação visual direta com o patrimônio material e imaterial, eventos históricos, figuras emblemáticas e características geoeconômicas que marcaram a formação dessas cidades. A iconicidade se revela como a principal estratégia para criar uma ligação visual que facilita a memorização entre o sinal e a cidade que ele representa, tornando-os intuitivos e carregados de significado cultural para a comunidade surda.

Verificou-se que a maioria dos sinais classificou-se como *ergotopônimos*, evidenciando a importância da cultura material, como esculturas (pergaminhos de Congonhas), técnicas de mineração (garimpo em Diamantina), meios de transporte (trem de Mariana) e arquitetura (igrejas de Mariana e anjos barrocos de Ouro Preto). Outras categorias também se fizeram presentes, como *historiotopônimos* (o enforcamento de Tiradentes), *axiotopônimos* (a coroa em São João del-Rei), *litotopônimos* e *cromotopônimos* (ouro e preto em Ouro Preto), entre outros,

¹⁵ *Historiotopônimo*: topônimo que faz referência aos eventos socio-históricos, às datas e aos personagens relacionados a eles.

reforçando a diversidade de motivações que permeiam a nomeação de lugares em Libras.

Além disso, observou-se que alguns topônimos apresentam mais de um sinal em uso, refletindo variações diacrônicas, regionais ou mesmo diferentes camadas de interpretação histórica e cultural, como no caso de Mariana e Ouro Preto. Essa pluralidade sinalizadora destaca a vitalidade e a dinâmica da Libras como língua viva e em constante transformação.

Por fim, este trabalho contribui para o ainda incipiente campo da toponímia em línguas de sinais no Brasil, reforçando a necessidade de mais pesquisas que documentem e analisem a relação entre língua, cultura e espaço na comunidade surda. A compreensão desses processos, notadamente o papel central da iconicidade, não apenas enriquece os estudos linguísticos, mas também valoriza a identidade cultural surda e fortalece a Libras como instrumento de expressão e preservação da memória coletiva.

REFERÊNCIAS

CARTACAPITAL. **Diamantina, o tesouro de Minas Gerais**. São Paulo, 02 dez. 2015. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/educacao/diamantina-o-tesouro-de-minas-gerais/>.

Acesso em: 13 set. 2025.

CULTURA GENIAL. **10 principais obras de Aleijadinho (explicadas)**. Revisão por Laura Aidar. [S.l.], [s.d.]. Disponível em:

<https://www.culturagenial.com/aleijadinho-biografia-obras/>. Acesso em: 21 jul. 2025.

DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. de P. A. **Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos**. São Paulo: FFLCH/USP, 1987.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, n. 91, p. 583–597, 2005. DOI: 10.1590/S0101-73302005000200014

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14209-asi-censo-2010-escolaridade-e-rendimento-aumentam-e-cai-mortalidade-infantil>. Acesso em: 31 jan. 2025.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **História de Congonhas**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/370/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **História de Diamantina**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1489>. Acesso em: 11 ago. 2025.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **História de Mariana**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1491>. Acesso em: 11 ago. 2025.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **História de Ouro Preto**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/373>. Acesso em: 11 ago. 2025.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **História de São João Del-Rei**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/375>. Acesso em: 16 ago. 2025.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **História de Tiradentes**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/377>. Acesso em: 11 ago. 2025.

LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos; MARTINS, V. R. de O. (Org.). **Libras: aspectos fundamentais**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

OURO PRETO (Município). **Trem da Vale – Ouro Preto e Mariana**. Ouro Preto, MG. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ouropreto.mg.gov.br/turismo/atrativo-item/887>. Acesso em: 13 set. 2025.

PAALES, L. **On the system of place name signs in Estonian Sign Language**. Journal of Ethnology and Folkloristics, Estônia, v.4, n.2, 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CONGONHAS. **História**. Congonhas, s.d. Disponível em: <https://www.congonhas.mg.gov.br/index.php/historia/> Acesso em 25 jun. 2025.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. São Paulo: Artmed, 2004. ISBN 978-8536303086.

SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional**. Salvador: Câmara Municipal, 1901.

SOUSA, A.M; BARREIROS, L.L.S. **Panorama histórico dos estudos toponímicos em Libras no Brasil**. Revista Sinalizar UFG; v.5: e64069, 2020.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras**. Pimenta Cultural, São Paulo; 1ª edição, fevereiro de 2022.

SOUSA, A. M; DARGEL, A. P. T. P. **Caminhos da Toponímia no Brasil e as contribuições de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick**. GTLex, Uberlândia, vol. 6, n. 1, 2020.

TOFFOLO, A. C. R. **Produção escrita de alunos surdos e consciência morfológica**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/40844> . Acesso em: 08 jun. de 2025.

Apêndice A - Imagens referentes aos sinais apresentados no Quadro 1: Topônimos de natureza física

Figura A - sinal referente ao bairro Morada do Sol, em Rio Branco (AC)



Fonte: Produzida pela autora

Figura B - sinal referente à cidade de São Caetano do Sul (SP)



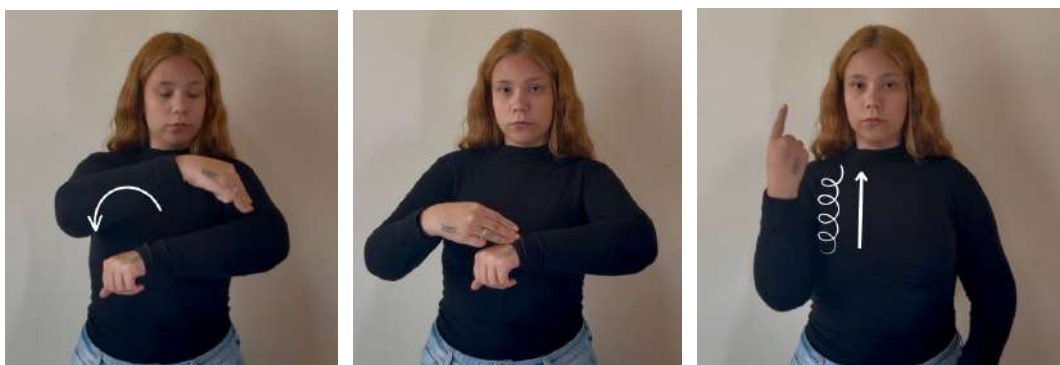
Fonte: Produzida pela autora

Figura C - sinal referente à cidade de Rio Branco (AC)



Fonte: Produzida pela autora

Figura D - sinal referente à cidade de Monte Alto (SP)



Fonte: Produzida pela autora

Figura E - sinal referente à cidade de Florestal (MG)



Fonte: Produzida pela autora

Figura F - sinal referente à cidade de Brumadinho (MG)



Fonte: Produzida pela autora

Figura G - sinal referente à cidade de Iporanga (SP)



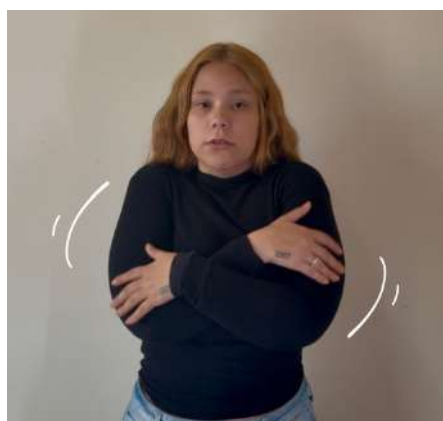
Fonte: Produzida pela autora

Figura H - sinal referente à cidade de Pedreira (SP)



Fonte: Produzida pela autora

Figura I - sinal referente à cidade de Campos do Jordão (SP)



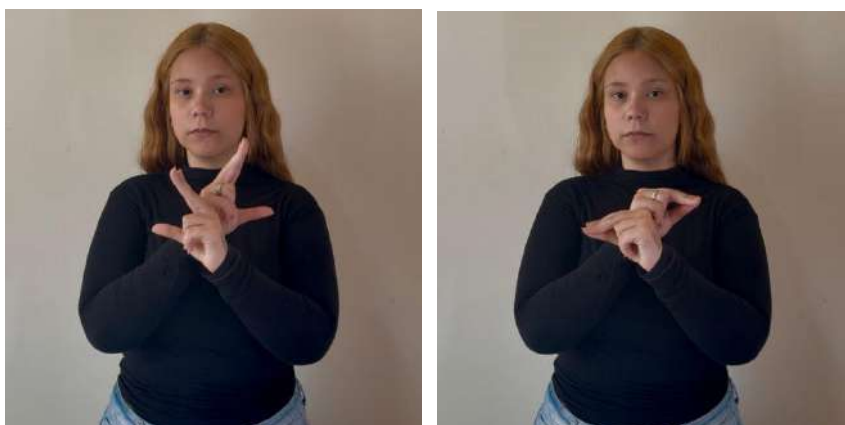
Fonte: Produzida pela autora

Figura J - sinal referente à cidade de Brasília (DF)



Fonte: Produzida pela autora

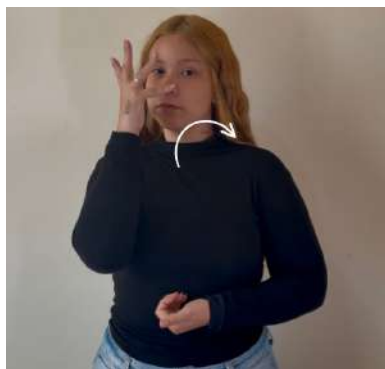
Figura K - sinal referente à cidade de Patos de Minas (MG)



Fonte: Produzida pela autora

Apêndice B - Imagens referentes aos sinais apresentados no Quadro 2: Topônimos de natureza antropocultural

Figura A - sinal referente à cidade de Bonito (MS)



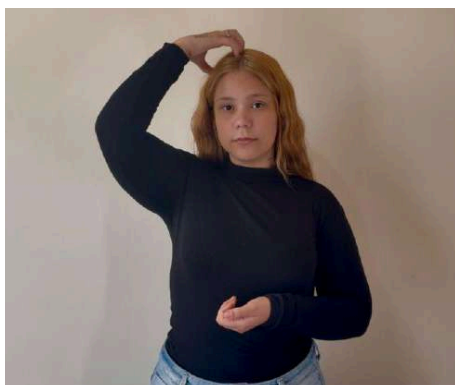
Fonte: Produzida pela autora

Figura B - sinal referente ao Parque florestal Chico Mendes em Rio Branco (AC)



Fonte: Produzida pela autora

Figura C - sinal referente à cidade de São João Del-Rei (MG)



Fonte: Produzida pela autora

Figura D - sinal referente à cidade de Americana (SP)



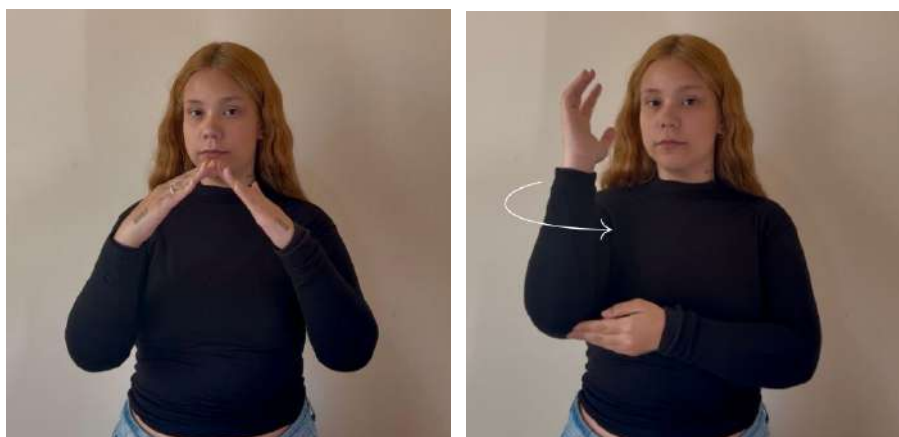
Fonte: Produzida pela autora

Figura E - sinal referente à cidade de Mundo Novo (MS)



Fonte: Produzida pela autora

Figura F - sinal referente ao bairro Morada das Árvores, em Feira de Santana (BA)



Fonte: Produzida pela autora

Figura G - sinal referente ao Estado do Amazonas



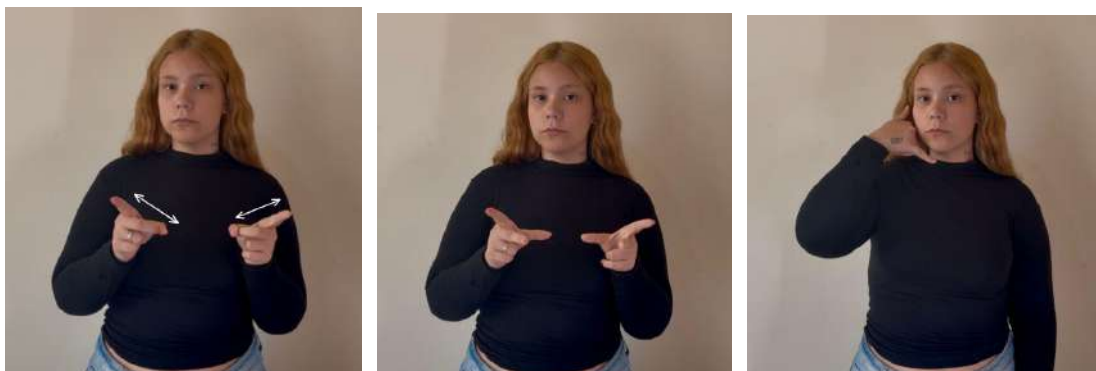
Fonte: Produzida pela autora

Figura H - sinal referente à cidade de Tocantínea (TO)



Fonte: Produzida pela autora

Figura I - sinal referente à rua Artur Cordeiro, em Feira de Santana (BA)



Fonte: Produzida pela autora

Figura J - sinal referente à cidade de Juazeiro do Norte (CE)



Fonte: Produzida pela autora

Figura K - sinal referente ao Estado do Espírito Santo



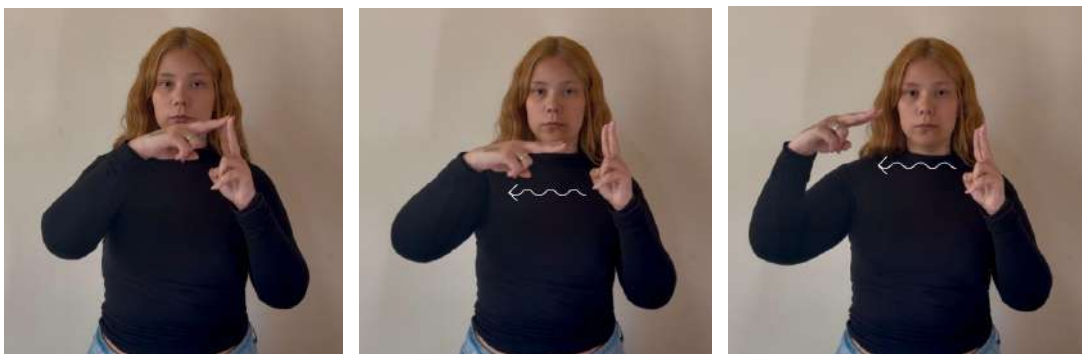
Fonte: Produzida pela autora

Figura L - sinal referente à cidade de Tiradentes (MG)



Fonte: Produzida pela autora

Figura M - sinal referente à cidade de Ponte Nova (MG)



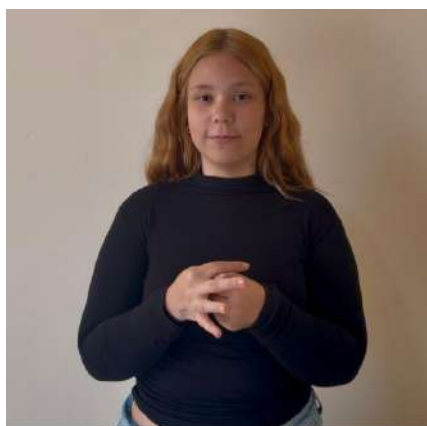
Fonte: Produzida pela autora

Figura N - sinal referente à cidade de Sete Lagoas (MG)



Fonte: Produzida pela autora

Figura O - sinal referente à Transacreeana, localidade na região metropolitana de Rio Branco



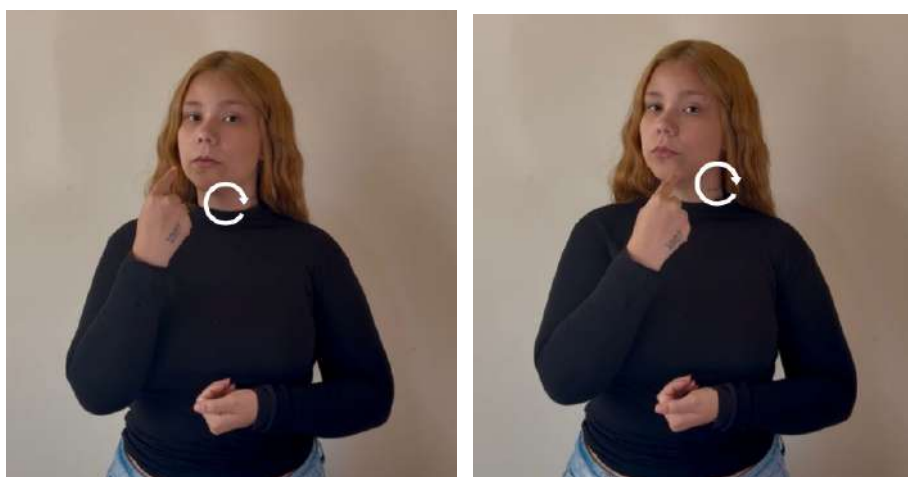
Fonte: Produzida pela autora

Figura P - sinal referente à cidade de Barretos (SP)



Fonte: Produzida pela autora

Figura Q - sinal referente à cidade de Bocaina (SP)



Fonte: Produzida pela autora

Apêndice C - Imagens referentes aos sinais apresentados no Quadro 3: Topônimos adicionais de outros autores

Figura A - sinal referente à cidade de Conselheiro Lafaiete (MG)



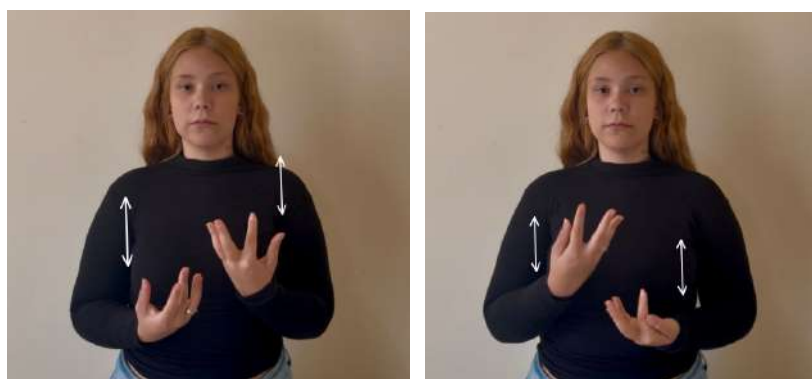
Fonte: Produzida pela autora

Figura B - sinal referente ao país Cuba



Fonte: Produzida pela autora

Figura 30 - sinal referente ao bairro Queimadinha, em Feira de Santana (BA)



Fonte: Produzida pela autora